Se fossem só os daqui…

Quando, já lá vão alguns anos, se chegou a especular sobre as possíveis consequências (a médio prazo) da integração de algumas equipas portuguesas nos campeonatos da FLF, os mais optimistas foram acusados de alguma utopia por já sonharem com um SL Benfica (Lux)-SL Benfica (Por) para as competições europeias, no estádio da Pfaffenthal. De facto a onda negativista teve alguma razão. Mas pelos motivos errados. Seja o Benfica, o Boavista ou os Bracarenses, se estes clubes nunca forem autorizados a integrar o campeonato luxemburguês é óbvio que também nunca poderão participar numa prova europeia.

Mas e porque não entram?

Se alguém ainda tinha dúvidas, os clubes luxemburgueses (aparentemente mais atentos ao valor dos jogadores lusos do que muitos portugueses), desfizeram-nas: "Como seria quando as equipas de origem portuguesa nos viessem buscar todos os jogadores portugueses que jogam nos nossos clubes?". Outros ainda mais perspicazes acrescentaram: "Já viram a percentagem de portugueses nas equipas de esperanças? Onde é que acha que esses jovens vão querer jogar…?".

E se de filiais passassem a clubes satélites?

Sobre se os clubes vão entrar ou não, ainda muita água há-de correr. Se nos deixam entrar (improvável) ou se vão ser obrigados a deixar (possível), ou se nos vamos cansar de andar a chatear (altamente improvável) por uma integração que já tem barbas, é um assunto que já dura há anos e que nem por isso esmoreceu. Bem pelo contrário.

O que ninguém tenha dúvidas é que depois de conseguido o mais difícil (se tal vier a acontecer) tudo se passará de uma outra forma. Como se pôde depreender das declarações de um responsável do Sport Lisboa e Benfica, ao colocar a hipótese de virem a ser transferidos ou emprestados jogadores de Portugal para aqui, o futuro das equipas que venham a ser integradas apenas dependerá da vontade, da capacidade e muita paciência dos seus responsáveis.

Mas uma coisa é certa: o potencial é enorme e da utopia à realidade é um passo mais pequeno do que o que se pensa.

José Campinho
Jornal Correio n.° 95 de 14.3.2001